

Dr. David deSilva , Apócrifos, Aula 6, Um olhar mais atento: Sabedoria de Salomão, Ester Grega, Terceiro Macabeus.

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 6, Um olhar mais atento, Sabedoria de Salomão, Ester Grega, 3º Macabeus.

A assim chamada Sabedoria de Salomão é uma obra anônima, embora os capítulos 6 a 9 sejam escritos como se fossem da perspectiva de Salomão.

Salomão, claro, era o santo padroeiro dos sábios em Israel, por isso uma série de obras da tradição de sabedoria e instrução acabam sendo atribuídas a ele, e no caso desta, escritas como se fossem dele. Mas a Sabedoria de Salomão foi composta em grego, provavelmente no Egito e, portanto, provavelmente em Alexandria, que era o lar de uma enorme comunidade da diáspora judaica, talvez com um milhão de judeus na época da virada da era. Algumas das coisas que apontam especialmente para uma origem egípcia seriam a hostilidade para com os egípcios no livro mencionado, bem como a condenação da adoração de animais conhecida como zoolatria ao lado da idolatria, uma vez que o Egito era realmente o lugar dominante onde se poderia encontrar animais como encarnações da divindade e não apenas ídolos sem vida.

Provavelmente foi escrito no período inicial do domínio romano, portanto, por volta da virada da era, algumas décadas aC, algumas décadas dC, isso é contestado. O trabalho divide-se em três grandes seções. Na primeira seção, que vai dos capítulos 1 a 5, o foco do discurso está na perseguição dos justos pelos ímpios.

E a eventual intervenção de Deus para justificar os justos e punir os ímpios. A segunda seção é então distintamente diferente. Entre os capítulos 6 e 9, temos uma oração e uma espécie de discurso sobre a natureza da sabedoria, onde agora encontramos reminiscências da oração de Salomão por sabedoria, como é conhecida nos livros históricos das escrituras canônicas.

Então, começando no capítulo 10 e até o final do livro, o escritor dá uma terceira volta. E aqui, nesta terceira seção, a maior de todas, ele se envolve num discurso sobre o julgamento de Deus sobre os idólatras, particularmente através de uma recontagem da história bíblica das pragas que caíram sobre os egípcios. Embora existam algumas excursões importantes em meio a essa recontagem do Êxodo.

A primeira seção do livro, como eu disse, analisa a mentalidade do ímpio e a tensão, a hostilidade e o antagonismo entre o ímpio e o justo. E o autor realmente entra um pouco na psicologia antiga aqui enquanto cria uma imagem da mentalidade da pessoa ímpia. Como funciona a pessoa que acaba agindo apenas para seu próprio prazer e interesses e que, portanto, trata mal o próximo para alcançar seus próprios objetivos? Assim, o autor nos dá esse instantâneo, por assim dizer, do pensamento interior da pessoa ímpia.

Essas pessoas dizem que a nossa vida é curta e dolorosa, e que não há remédio quando uma vida chega ao fim e ninguém voltou do Hades. Nosso tempo concedido é a passagem de uma sombra, e não há retorno da morte porque ela está selada e ninguém volta atrás. Venha então, aproveitemos as coisas boas que existem e aproveitemos ao máximo a criação como na juventude.

Que nenhum de nós deixe de participar de nossa folia. Em todos os lugares deixemos sinais de alegria porque esta é a nossa porção. Este é o nosso destino.

Vamos oprimir o pobre justo. Não poupemos a viúva nem olhemos para os cabelos grisalhos dos idosos. Mas deixe que o nosso poder seja a nossa lei de direito, pois o que é fraco revela-se inútil.

Assim, o autor pinta o quadro de que, se você viver apenas para esta vida, poderá se desviar seriamente. Se você olhar para a morte e não ver nada além dela, pensará que as circunstâncias, os prazeres e os ganhos que serão obtidos nesta vida são tudo o que importa. E isso perverterá sua visão da vida.

Isto irá perverter as suas relações com os outros, e você deixará de amar o seu próximo como a si mesmo; em vez disso, você usará o seu próximo e abusará dele para promover ainda mais o seu acesso aos prazeres da vida e às riquezas temporárias deste mundo. À medida que esta parte se desenrola, o autor mostra que os ímpios tendem a atacar os justos, pensando em refutar, especificamente em refutar as reivindicações de fé dos justos, submetendo a pessoa justa a uma morte vergonhosa. Os ímpios aqui podem, de fato, ser judeus apóstatas e não indivíduos gentios, porque o autor sugere que eles tomem medidas contra a pessoa justa porque, aspas, ele nos culpa porque falhamos em guardar a lei e nos condena por virarmos as costas para nossa educação.

Observamos em outros textos que havia uma tensão considerável entre o judeu progressista que está disposto a deixar a Torá para trás para assimilar plenamente e desfrutar dos frutos de pertencer às redes da cultura dominante. E poderíamos ter aqui outro reflexo dessa dinâmica, onde são realmente os judeus apóstatas que exercem maior pressão sobre os seus pares tradicionais, os seus pares conservadores, ou como diriam, atrasados, cujas próprias vidas lhes são censuradas.

Os ímpios, diz o autor, podem de fato florescer nesta vida seguindo a filosofia do poder que faz o que é certo, ganhando riqueza às custas dos vulneráveis.

Mas no final, Deus provará que esse modo de vida é pura loucura. Ele também compartilha algo sobre a mentalidade dos justos no final do capítulo quatro. Ao contrário dos ímpios que não conheciam os propósitos secretos de Deus, nem esperavam o salário da santidade, nem discerniam o prêmio para almas irrepreensíveis, a pessoa justa, que é a pessoa observadora da lei, que anda no caminho de seus treinamento, sabe que, citação, Deus nos criou para a incorrupção e nos fez à imagem de sua própria eternidade.

E à luz das intervenções de Deus, os resultados da justiça e da injustiça são precisamente aqueles que Deuteronomio e as outras escrituras levariam alguém a acreditar. Os justos podem suportar perdas nesta vida, mas isso não é nada em comparação com as bênçãos imortais que desfrutarão além desta vida por causa de sua virtude. No final, por outro lado, os ímpios estarão diante de Deus.

Eles verão a recompensa da pessoa justa a quem oprimiram e confessarão a sua estupidez e a sabedoria do humano observador da Torá a quem desprezaram. No decorrer desta seção inicial de cinco capítulos, o autor dá voz a uma bela expressão da esperança da imortalidade. Esta também é uma passagem dos Apócrifos que exerceu um grande impacto na experiência litúrgica nas igrejas como um texto que é frequentemente lido em funerais em muitos círculos cristãos.

E assim, vemos, as almas dos justos estão nas mãos de Deus, e nenhum tormento jamais os atingirá. Aos olhos dos tolos, eles pareciam ter morrido, e sua partida foi considerada um desastre, e sua saída de nós foi sua destruição. Mas eles estão em paz, pois embora tenham sido punidos aos olhos dos outros, sua esperança está cheia de imortalidade.

Tendo sido um pouco disciplinados, receberão um grande bem porque Deus os provou e os achou dignos de si mesmo. Como ouro na fornalha, ele os provou e, como um holocausto de sacrifício, ele os aceitou. Vários quadros de referência que encontramos nessa passagem, por meio dos quais o autor interpreta as provações que os justos devem suportar nesta vida, aparecem novamente ao longo do Novo Testamento, não sugerindo dependência direta deste ponto específico, mas próximas ressonâncias culturais.

Assim, a ideia de que Deus educa, treina ou disciplina os justos, que é uma espécie de educação divina através de provações e testes, emerge aqui, bem como a imagem de provar o valor da pessoa justa da mesma forma que o valor do ouro é testado quando é derretido no forno, e quaisquer impurezas são separadas e aparecem. Na segunda seção deste texto, encontramos o discurso do autor sobre a sabedoria e, em parte, sua recriação da oração de Salomão por sabedoria. Nesta seção, o autor apela

aos governantes gentios agora, que receberam sua autoridade de Deus, para que usem sua autoridade para servir aos propósitos de Deus e não aos seus próprios.

Ele descreve as origens, a natureza e a atividade da sabedoria, algumas das quais emergem claramente da dependência de Provérbios 8, onde a sabedoria é conhecida como a colaboradora de Deus na criação, o artesão que está ao lado de Deus, ajudando no processo e deleitando-se em A obra de Deus, mas indo além disso em alguns aspectos importantes. Falar sobre a própria sabedoria como o próprio reflexo da imagem de Deus, como a refulgência, o brilho, a iluminação que vem da glória de Deus, e assim cria uma personificação ainda mais exaltada da sabedoria como uma extensão da divindade. Além disso, pensando em como a sabedoria é o meio pelo qual as pessoas, os justos, se conectam com Deus, se tornam amigos de Deus, e também o papel da sabedoria na sustentação da criação, que a obra de Deus não termina com o fim da criação, mas continua com o fim da criação. a manutenção e preservação contínuas da ordem do cosmos, e a sabedoria é então o agente de Deus para fazer isso.

A terceira seção critica os gentios por sua incapacidade de reconhecer, adorar e obedecer ao único Deus criador, em grande parte através da reflexão do autor sobre os cananeus e, com muito mais detalhes, sobre os egípcios na história do Êxodo. A história das pragas que se abateram sobre o Egito é recontada detalhadamente para demonstrar duas teses que surgem no capítulo 11. Primeiro, que Deus abençoa o povo de Deus com as mesmas coisas que Deus usa para punir os inimigos de Deus e, segundo, que alguém é punido pelo mesmas coisas pelas quais alguém peca.

Essas duas teses continuam surgindo nesses nove capítulos, à medida que o autor considera as diversas pragas. Agora, no meio desta seção, o autor se envolve em vários discursos criticando a prática religiosa gentia e fazendo-o em um nível de maior sofisticação do que vimos na Carta de Jeremias ou na história de Bel e o Dragão. É claro que o autor também usa os argumentos típicos que ali encontramos, mas também dá um passo além e tenta desacreditar a prática religiosa gentia, reconstruindo as suas origens muito humanas e compreensíveis.

Na verdade, sua explicação da religião gentia se assemelha muito à explicação de Euhemero sobre o surgimento dos cultos ao seu redor. Euhemerus foi um filósofo grego que falou sobre a origem da religião. Assim, o autor de Sabedoria de Salomão conta a história de um pai enlutado que simplesmente não consegue se desapegar e cria uma imagem de seu filho morto.

E ele fala com seu filho morto, e cuida da imagem de seu filho morto, e antes que você perceba, ele está orando para essa imagem. E ele ensina a prática aos filhos sobreviventes, para que continuem a conversar com o irmão, tio, ancestral falecido, e assim diz o autor, o que começou como um luto paterno torna-se um culto religioso inviolável. E ele também olha para uma história política para a origem do

culto, e isso é com pessoas que vivem longe de um rei, querendo encontrar alguma maneira de lisonjear e se relacionar com o rei distante.

Então, ele conta a história de um artesão que faz uma estátua do governante distante e a trabalha com toda a magia de sua arte para ser uma figura grandiosa, e como as pessoas ao seu redor honram essa imagem de o rei, pensando em lisonjear o monarca distante. E antes que você perceba novamente, você terá ritos, sacrifícios e hinos de louvor completos sendo oferecidos a uma estátua do que na verdade é apenas um ser humano. Na verdade, este é um relato bastante sensato das origens do culto ao governante nos mundos helenístico e romano, e sem dúvida o autor tem esse fenômeno específico em mente, que foi grande no Egito e em todo o Mediterrâneo Oriental, com exceção da Judéia.

Há esperança para os gentios para este autor? O autor afirma Deus em oração: você ama tudo o que existe; você não despreza nada do que fez. O autor extrai deste fato uma explicação para o fato de que Deus não eliminou os cananeus de uma só vez quando o povo dos hebreus estava chegando ao limiar da terra prometida. Em vez disso, Deus os estava julgando pouco a pouco para dar-lhes uma oportunidade de mudarem seus corações e mentes, uma oportunidade de se arrependerem.

A propósito, esta é uma explicação muito diferente da que encontramos em Êxodo. No Êxodo, Deus não extermina os cananeus de uma só vez para que a terra não seja invadida por animais selvagens e fique inculta por muito tempo e se torne incontrolável. E todas essas razões sensatas centradas em Israel, as razões centradas no povo de Israel para fazer isso, mas aqui temos uma outra razão centrada no grupo étnico para Deus fazer isso.

No entanto, isto diz mais sobre Deus do que sobre os gentios, porque o autor prossegue mostrando que não espera que os gentios se beneficiem da paciência de Deus. Deus disciplinou os cananeus pouco a pouco, entre aspas, embora Deus soubesse muito bem que eles eram maus desde o nascimento, que sua inclinação natural era para o mal e que eles nunca mudariam de ideia. Da mesma forma, as advertências de Deus não levariam os egípcios ao arrependimento.

Em vez disso, citando novamente, um destino que eles mereciam atraiu-os para esta decisão inevitável e fez-os esquecer todas as coisas que lhes aconteceram tão recentemente. É justamente aqui que o autor relembra a morte do primogênito, a praga final. Portanto, a tolerância de Deus para com as nações gentias, no final, diz mais sobre o caráter paciente e misericordioso de Deus do que sobre qualquer esperança real para os povos não-judeus nas expectativas deste autor em particular.

Voltamo-nos agora para a versão grega do livro de Ester. Pode ser um pouco surpreendente saber que, assim como Daniel, Ester também circulou em duas formas no mundo antigo: uma forma hebraica, a única forma com a qual os cristãos

protestantes e judeus estão familiarizados, e uma forma grega mais longa que diferia significativamente. Da versão hebraica, a Ester grega inclui seis blocos adicionais de material.

Estes são frequentemente separados em traduções mais antigas dos Apócrifos, tão recentemente quanto a RSV. E assim, você apenas encontra os acréscimos a Daniel nos Apócrifos. Mas isso é estranho e enganoso.

É estranho porque você não sabe onde essas adições se encaixam na história. E também é enganoso porque o restante de Ester é diferente em grego e em hebraico. A versão grega da história, do começo ao fim, contém muito mais de Deus.

A oração, a intervenção direta de Deus nos assuntos, injunções para seguir a lei de Deus, percebe que alguém como Mordecai ou Ester está, de fato, seguindo a lei de Deus, e assim por diante. Então, o todo é um livro diferente. Mas é claro, o que é mais notável são esses seis blocos adicionais de material.

As duas adições mais externas, que são criativamente chamadas de Adições A e Adição F, a primeira e a sexta, fornecem um enquadramento narrativo para todo o livro de Ester. A primeira visão, desculpe, a primeira edição, conta sobre uma visão de Mordecai, um sonho que Mordecai tem lá na corte persa. A última adição dá a interpretação daquele sonho ou visão que Mordecai teve.

Depois, há outros dois acréscimos que simplesmente dão o texto integral dos editais. O édito anunciava as razões pelas quais os judeus estavam prestes a ser mortos em todo o império. E então o édito que rescinde aquele édito, aquele antigo édito.

Estas são as Adições B e E. E então você tem duas adições no centro da história, as Adições C e D. A Adição C é uma oração, que é digna de nota porque o hebraico Ester não contém nenhuma oração. Nem menciona a palavra oração, acho que não. Mas a Ester grega na verdade lhe dá o texto da oração de Mordecai, e a oração de Ester ocorre logo antes do rumo dos acontecimentos, quando a libertação começa a funcionar para os judeus.

E então a adição final, a quarta edição, Adição D, ali no meio, substitui, eu acho, apenas cinco versículos em hebraico Ester por uma cena muito mais completa em que Ester vai diante do rei, e Deus intervém diretamente para transformar a posição do rei. coração para com a suavidade para com sua esposa e para atender sua petição. Portanto, a versão grega de Ester é um texto bem diferente e muito mais religioso, abertamente religioso, do que o texto hebraico de Ester. Agora, o que essas adições nos dão? O que eles nos mostram que não vemos no hebraico Ester? Bem, um dos acréscimos, a segunda edição, nos dá uma visão do antijudaísmo no mundo antigo.

Explica a origem dos preconceitos antijudaicos com muito mais clareza do que a Ester hebraica explicaria. E, claro, refletindo a realidade do preconceito antijudaico no período helenístico e não no período persa. Mas diz-se que Hamã, na adição B, nos apontou que este é o edito do rei contra os judeus; Hamã nos apontou que existe um certo grupo hostil espalhado entre todos os povos do mundo.

Estas pessoas estão em desacordo com todas as nações por causa das suas leis peculiares. Eles ignoram constantemente os decretos do rei para que o governo, embora bem gerido por nós, nunca esteja seguro. Vemos que esta nação está sozinha na sua constante hostilidade para com todos.

Eles seguem um estilo de vida estranho por causa de seu código legal e não pensam bem em nossas ações. Eles praticam os piores males para que o reino não fique em paz. Agora, obviamente, há muita polêmica simples neste édito, mas vemos algumas coisas que seriam as fontes genuínas do antijudaísmo, entre as quais a clara separação dos judeus de outros povos.

Você sabe, os bactrianos, os persas, os lícios e os frígios, você sabe, simplesmente não andavam uns com os outros, excluindo todos os outros grupos de pessoas, como os judeus faziam em suas comunidades, a maneira como organizavam suas vidas durante a diáspora. Portanto, há algo de distinto na forma como o povo judeu mantém e manifesta a sua identidade distinta em toda a diáspora. Muitos gentios olham para isso através das lentes do que os gregos chamavam de misoxenia , ódio aos estrangeiros, ódio aos estrangeiros.

Então, do ponto de vista judaico, o que está acontecendo é que estamos seguindo os regulamentos da Torá, talvez até ao pé da letra. Do ponto de vista de quem está de fora, os Judeus estão a demonstrar o seu ódio pelos não-Judeus. Então, é isso.

E há a sensação de que o seu modo de vida, as leis pelas quais regulam as suas vidas, são simplesmente peculiares. Eles são diferentes. Eles nutrem um modo de vida que é ininteligível para nós, estrangeiros.

Os gentios não conseguem entender as leis dietéticas da Torá, o direito à circuncisão. Você faz o que com o seu quê? Ou a ideia de um sábado, essa ideia de que você pode simplesmente tirar uma folga um dia a cada sete e não fazer absolutamente nada. Essas coisas são incompreensíveis no mundo antigo.

E assim, temos uma pequena janela para isso aqui, bem como para o tipo de preconceito exponencial que é então agregado ao mesmo. Também temos imagens da espiritualidade incorporada dos judeus neste período. Ester não apenas, você sabe, busca a ajuda de Deus.

Ela tira suas vestes reais e veste saco, roupas de luto e roupas funerárias. Em vez dos melhores temperos, ela unta a cabeça e o corpo com cinzas e esterco e se humilha diante de Deus antes de fazer sua petição. Então, você sabe, como protestante em uma vida inteira de oração, nunca troquei de roupa deliberadamente para orar.

E certamente nunca me untei com cinzas e esterco para me humilhar. Mas temos aqui um tipo diferente de piedade naquilo que fazemos com nossos corpos. E o que fazemos com nossos corpos coloca nossas almas no estado de espírito e no lugar certo para começar este encontro com Deus.

Também encontramos em uma das edições, edição C, a introdução da atenção às fronteiras étnicas na história. Provavelmente, o autor da edição C ficou profundamente perturbado pelo fato de Ester, uma mulher judia, ser casada e ter relações sexuais com um gentio e estar comendo com o gentio e suas cortes e seus amigos e tudo o mais. Uh, isso não pode ser. Não é isso que os bons judeus fazem.

Não pode ser isso que a heroína da Festa de Purim fez. Assim, na versão grega de Ester, ela diz: Eu, sua serva, não jantei à mesa de Hamã, nem honrei o banquete do rei nem bebi o vinho que havia sido oferecido aos deuses. Então há esta introdução da ideia de que Ester manteve-se casher no meio da corte do rei, mesmo no meio.

E ela também se evitou qualquer coisa que lembrasse a idolatria do governante gentio com quem ela era casada. E melhor ainda, detesto partilhar a cama deste rei incircunciso ou, na verdade, de qualquer estrangeiro. Agora, não podemos evitar o fato de Ester ter tido que se casar com o rei, mas ela não precisa gostar disso.

E assim, nesta edição, ela expressa sua abominação pelo que a autora considera abominação. A mistura de judeus e gentios pelo casamento. Aliás, isso é algo interessante de se comparar com a edição B, aquele édito.

Os judeus estavam realmente interessados neste período em manter as suas práticas distintas, as suas identidades distintas e a sua separação dos gentios que os rodeavam. A versão grega de Ester também está muito mais interessada em usar a história de Ester para promover a consciência de Deus e promover a observância das práticas distintivas dos judeus, embora essas práticas despertem preconceito e hostilidade. Este alargamento das fronteiras entre os judeus e outras nações é visto não apenas nas edições B e C que acabamos de ver, mas também na reinterpretação dos lotes, o Purim que deu nome à festa que sai do livro de Ester.

Na versão hebraica de Ester, a sorte é simplesmente, você sabe, aquilo que foi lançado para determinar o dia em que matar os judeus. Mas na edição F é acrescentada uma segunda interpretação. Enquanto Mordecai considera seu sonho em que viu dois dragões saindo para a batalha e um riacho saindo e alguns outros detalhes malucos que escapam da minha mente no momento, ele considera que a

interpretação tem a ver com os dois lotes que Deus lançou, um para os judeus e outro para as nações.

E chegou o tempo da libertação da nação favorecida de Deus. Então, essa ideia de que o lote aqui é destino, são dois destinos que Deus traçou. E mesmo isso separa os gentios com o seu destino dos judeus e o seu destino.

Chegamos a um livro chamado Terceiros Macabeus, e coloco-o aqui porque a dinâmica dos Terceiros Macabeus é muito semelhante à dinâmica da Ester grega. Na verdade, existem até alguns paralelos verbais próximos em alguns pontos, o que pode sugerir que o autor de Terceiros Macabeus, entre outras fontes, conhecia Ester ou Ester grega, mais provavelmente Ester grega, e se permitiu ser parcialmente inspirado pelo que leu. lá. Mas Terceiro Macabeus, como Judite, como Tobias, é outra obra de ficção histórica.

Representa o que poderia acontecer na Diáspora, dado o que aconteceu em Jerusalém e na Judéia sob Antíoco IV. Apenas uma palavra sobre o título. Chama-se Terceiro Macabeus.

Não tem nada a ver com os Macabeus. Não tem nada a ver com a história do Primeiro e do Segundo Macabeus. E, de facto, no mundo antigo, é referido, e gostaria de me lembrar onde, mas é referido como Ptolemaica .

Essa é uma palavra grega, uma palavra adjetiva, que significa coisas pertinentes aos Ptolomeus. Portanto, não estamos a olhar para Jerusalém e a sua situação política sob os selêucidas. Estamos a analisar os Judeus da Diáspora no Egito e a sua situação sob os Ptolomeus.

E há pontos de conexão. O enredo do Terceiro Macabeus é muito paralelo ao enredo do Segundo Macabeus. Mas são apenas paralelos de enredo.

Não é uma continuação da história. Não é a mesma história. Francamente, não está relacionado a essa história em nenhum tipo de narrativa, uma espécie de continuação da saga.

Provavelmente foi escrito no Egito, onde também se passa. Quase definitivamente escrito em grego. E talvez venha do período inicial do reinado de Augusto.

Uma das preocupações que emerge na história é a *laographia* , que é uma palavra grega que significa alistamento do povo. Algo que no período de Augusto teria claramente separado os cidadãos gregos no Egito da população egípcia indígena. Houve uma tremenda diferença de status, privilégios e direitos entre os cidadãos gregos do Egito e a população indígena egípcia.

E, de facto, a partir do reinado de Augusto, os judeus no Egito queriam muito que o seu estatuto fosse esclarecido como cidadãos gregos do Egito, em vez de serem relegados ao estatuto de população egípcia indígena não-grega. A história, tal como chegou até nós, está incompleta. A cena ou cenas de abertura obviamente desapareceram.

Não começa simplesmente no meio das coisas. Começa no meio de uma frase. Então, é um manuscrito defeituoso.

E, portanto, todas as cópias desse manuscrito são anuladas. Tal como está, a história começa na Batalha de Raphia, que está localizada muito ao sul da Palestina, basicamente na fronteira entre Israel e o Egito. Esta foi uma das várias batalhas em que Antíoco III lutou contra Ptolomeu para obter o controle de Israel.

Droga, esse foi o acordo depois da morte de Alexandre, o Grande, e os Ptolomeus não nos permitem isso. Então, vamos pegar isso algum dia. Mas Antíoco não o conquistou na Batalha de Ráfia em 218 AC.

Seriam necessários mais 20 anos pela Batalha de Panaeus para que ele tomasse a Palestina como seu próprio reino. De qualquer forma, tudo começa com a vitória de Ptolomeu na Batalha de Ráfia, repelindo Antíoco com sucesso. Após essa vitória, Ptolomeu decide que fará um tour por todas as terras de seu império para encorajar seu povo após a invasão dos exércitos selêucidas.

E isso vai muito bem até que ele chegue a Jerusalém. Quando ele chega a Jerusalém, ele quer fazer lá o que fez em todas as outras cidades. Ele quer homenagear o santuário local.

E ao honrar o santuário local, ele espera entrar no santuário local. Porque ele é um fã de arqueologia ou de arquitetura. Ele gosta de ver o funcionamento interno das coisas.

Ele insiste que, como rei, deveria ser capaz de fazê-lo, mesmo que ninguém mais o seja. Mas é aqui que aparece o paralelo mais próximo com 2 Macabeus. Assim como Heliodoro em 2 Macabeus, Ptolomeu é espancado por mãos invisíveis e retorna com seu rabo figurativo entre as pernas para o Egito, respirando ameaças contra a população judaica de lá.

Assim, após o seu regresso ao Egito, ele começa a tentar resolver o problema do povo judeu no seio do seu império. E do ponto de vista de Ptolomeu, o que ele faz é na verdade um presente. Ele está oferecendo uma grande honra aos judeus em Alexandria e em todo o Egito.

Cidadania Alexandrina, cidadania Grega, ao preço de participar na religião Alexandrina. A propósito, isto também reflecte os debates, os debates da vida real dos judeus e dos seus vizinhos não-judeus nas cidades gregas ao longo do primeiro século d.C. Onde os cidadãos gregos dizem que se querem ser concidadãos connosco, precisam de para compartilhar com seus concidadãos sua religião. Eles deixaram isso bem explícito.

Vocês não podem ser concidadãos se quiserem continuar zombando de nossos deuses. Então, Ptolomeu faz esta oferta. Mas ele diz que se recusarem a oferta, deverão ser registrados.

E há aquela referência à palavra *laographia*. Eles devem ser registrados e reduzidos à escravidão. Apenas algumas centenas de judeus aceitam a oferta de Ptolomeu.

300 em vários milhões. Os restantes recusam a oferta e tratam como inimigos aquelas poucas centenas de judeus que estão favoravelmente dispostos ao rei. Isto convence Ptolomeu da malícia inerente aos judeus.

E então, ele decide outro plano. Esqueça a coisa da escravidão. Vamos reunir todos os judeus e matá-los.

No Hipódromo. Assim, os judeus são trazidos de todo o Egito para o Hipódromo, o estádio de corrida de bigas nos arredores de Alexandria. E lá aguardam a execução, sendo pisoteados por elefantes de guerra, o antigo equivalente a uma divisão de tanques.

Três vezes, esses elefantes são blindados e ficam furiosos ao receberem vinho enriquecido com incenso e outras guloseimas. E três vezes Deus intervém para frustrar o plano do rei. No final, os anjos, mais uma vez, intervêm e assustam os elefantes, fazendo-os virar-se e pisotear os seus tratadores e os soldados que tentam conduzi-los até aos cativos judeus.

O rei vê isso e fica terrivelmente arrependido do que fez. E ele manda os judeus de volta para casa com suas desculpas e com 14 dias de festa ao longo do caminho, permitindo-lhes primeiro se vingarem daqueles que provaram ser traidores de seu próprio povo. Os 300 judeus que aceitaram a cidadania alexandrina.

Nesta história, temos outra testemunha, uma testemunha eloquente do antijudaísmo gentio. Por exemplo, no início da história, no terceiro capítulo, Ptolomeu, retiro o que disse, o narrador está falando sobre o preconceito contra o povo judeu entre alguns de seus vizinhos. E assim, escreve ele, embora adorassem a Deus e conduzissem suas vidas de acordo com a lei de Deus, eles se mantinham separados na questão dos alimentos.

Por esta razão, pareciam hostis a algumas pessoas. Embora as boas ações dos judeus em nome da nação, nomeadamente o Egito, fossem comumente comentadas por todos, os de outras raças não as levavam em consideração. Em vez disso, continuaram a insistir nas diferenças no culto e na dieta e alegaram que o povo judeu não era leal nem ao rei nem às autoridades, mas era hostil e opunha-se fortemente à administração real.

E assim, eles colocaram uma culpa significativa nos judeus. Agora, novamente, tal como na Adição B da Ester grega, neste texto, vemos que a adesão do povo judeu à sua lei particular acabou por colocá-los em problemas com os seus vizinhos porque enfatizou primeiro as diferenças entre judeus e não-judeus. Os judeus sempre adorarão um e somente um Deus.

O resto de nós sempre adorará vários deuses, e nunca diremos a outro grupo, o seu Deus nem existe, como os judeus disseram durante séculos. E por causa de suas práticas alimentares, da questão dos alimentos, eles se mantêm separados. Outra testemunha disso é a natureza problemática da forma como as comunidades judaicas se formaram em torno dos seus próprios mercados para se certificarem de que estavam a obter carne dos animais certos, abatidos da forma correcta para que pudessem manter a cashrut, manter os regulamentos dietéticos da sua lei ancestral. .

Aliás, um testemunho maravilhoso da genialidade da Torá como ferramenta de engenharia social. É perfeitamente construído para fazer exatamente o que foi concebido para fazer. Mantenha os judeus santos ao Senhor.

Evite que eles se misturem, se misturem e se dissolvam nas nações ao seu redor. Agora, também testemunhamos um segundo conjunto de tensões, as tensões dentro da comunidade judaica, que já observamos em relação à Sabedoria de Salomão, capítulos um a cinco. E assim, lemos no Terceiro Macabeus dois.

Agora, alguns judeus, embora fingissem detestar os passos a serem dados pela religião da cidade, prontamente se renderam para compartilhar grande fama através de toda a associação que teriam com o rei. O que isso significa é que alguns judeus que se tornaram apóstatas, embora fingissem que era algo realmente importante e odiavam fazê-lo, ficaram contentes com a oportunidade de ascender à cidadania alexandrina. Mas a honrosa maioria era forte e não se afastou da sua religião.

Tentaram corajosamente evitar o registo recorrendo a subornos em troca das suas vidas. Eles permaneceram esperançosos de obter ajuda e olhavam com desprezo para os judeus que os haviam abandonado, os apóstatas. Eles consideravam aqueles que cediam como inimigos da nação judaica e não mais se associavam a eles ou lhes ofereciam assistência.

Assim, o fato da apostasia do modo de vida judaico levou ao uso de técnicas vergonhosas dentro da comunidade judaica para, como os judeus piedosos enviaram aos judeus apóstatas a mensagem de que eles poderiam, por qualquer meio que pudessem, que o que você está fazendo é inaceitável. É vergonhoso aos olhos de Deus e aos nossos olhos. E não queremos fazer parte de você enquanto você fizer isso.

E então, é claro, como mencionei no resumo, após a sua libertação, os judeus, entre aspas, pediram ao rei que pudessem executar o castigo merecido pelos judeus que se afastaram voluntariamente do Deus santo e da lei de Deus. Eles insistiram que aqueles que violaram as leis divinas por causa do ventre, para salvar a própria pele, também nunca seriam súditos confiáveis sob o governo do rei. O rei deu-lhes carta branca para destruir completamente aqueles que haviam violado a lei de Deus em todos os lugares do seu reino, fazendo deles um exemplo público.

Naquele dia, mataram mais de 300 pessoas, dia que também consideraram uma festa alegre por terem subjugado os renegados. Então, técnicas de vergonha ao enésimo grau. Agora, os judeus apóstatas são executados de uma forma que os torna um exemplo público para o resto da comunidade judaica da desvantagem de desobedecer à lei de Deus.

Como um estranho tipo de realização de desejo que termina nesta história, que aqueles que deixam a aliança para trás possam cair nas mãos do observador da aliança, a comunidade judaica observadora da Torá, para ser adequadamente disciplinada. Agora, numa nota potencialmente mais edificante, o Terceiro Macabeus oferece-nos várias janelas para a oração do período do segundo templo. Temos duas orações notáveis neste texto.

A primeira é de Simão, o sumo sacerdote, no capítulo três, e a segunda é de Eleazar. Todos os heróis desta história acabam chamados Eleazar. Eleazar, que residia em Jerusalém, era um velho sacerdote que orava por libertação no Hipódromo.

A oração de Simão no capítulo três está ancorada no registro bíblico do julgamento de Deus sobre aquelas pessoas, aqueles grupos que agem arrogantemente em relação aos padrões de Deus, ao povo de Deus ou à cidade escolhida de Deus. Ele recorda a história dos gigantes, isto é, aqueles descendentes híbridos profanos dos anjos AWOL e das suas parceiras humanas, e os exemplos de Sodoma e do Faraó. Com base nestes precedentes históricos do registro bíblico, ele pede a Deus que intervenha mais uma vez contra os arrogantes, nomeadamente Ptolomeu, e salvasse a santidade do templo.

O precedente histórico, o que Deus fez historicamente por nós, emerge também como base para a oração mais uma vez na oração de Eleazar no final da história, enquanto ele ora em nome de todo o povo pela libertação do povo de Deus da extinção quando ameaçado com o elefantes de guerra. E ele relembra os exemplos

do Faraó no Mar Vermelho, como Deus libertou o povo de lá. A libertação de Jerusalém de Senaqueribe e a libertação dos quatro fiéis, Daniel e os três jovens, na Babilônia, de Nabucodonosor.

E mais uma vez, a base para a oração é como você agiu no passado, quando o seu povo foi colocado em risco por um estrangeiro arrogante, por favor, aja novamente para intervir na nossa angústia atual. Assim como acontece com a oração em Tobias e a oração anterior no mesmo livro, estas exemplificam a oração de acordo com o que pode ser conhecido sobre Deus a partir do registro sagrado, das escrituras sagradas, buscando evitar a expectativa de que Deus faça algo que está fora de questão. de caráter para Deus ou fora de caráter em relação ao que Deus revelou seu caráter, intenções e vontade de ser na tradição sagrada. Este padrão mais uma vez continua na prática judaica e cristã.

Veja, por exemplo, o ciclo de orações, a coleta como são chamadas nas tradições católica, anglicana e luterana. A história do Terceiro Macabeus também alcança algumas outras coisas. Afirma a ligação entre a população judaica egípcia e a população judaica de Jerusalém e o seu templo.

Isto é, a comunidade judaica da diáspora está tão ligada ao templo judaico como a comunidade judaica de Jerusalém. Nossa distância do templo não significa nossa distância de compartilhar o destino do lugar sagrado. Isso é evidenciado pelo fato de que Ptolomeu sente vontade de agir contra os judeus por causa do que acontece com ele no templo de Jerusalém.

Também fornece uma afirmação à medida que a história avança. E como Deus, de facto, liberta os judeus egípcios de uma forma maravilhosa, afirma que Deus ouve e Deus liberta o povo de Deus no cenário da diáspora com a mesma certeza que Deus o faz na própria Jerusalém. Esta pode ser uma história, ou parte da história contada em resposta às críticas aos judeus da diáspora lançadas a partir de Jerusalém.

Por exemplo, numa das cartas que agora têm o prefixo Segundo Macabeus, os escritores da carta baseados em Jerusalém simplesmente assumem que os judeus da diáspora a quem escrevem estão em pecado porque ainda estão no exílio. E embora, sim, o exílio seja o resultado da maldição, a maldição de Deuteronomio, isso não significa necessariamente que Deus esteja alienado de nós. Muito obrigado.

E esta história retoma a história dos Segundos Macabeus, por assim dizer. O fato de Deus estar tão próximo de nós quanto, de fato, está de você.